

O SLACKLINE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

**VITALINO DIAS NETO¹; PROFA. DRA. ELIANE RIBEIRO PARDO² PROF. DR,
CÉSAR AUGUSTO OTTERO VAGHETTI CO-ORIENTADOR³**

¹Escola Superior de Educação Física ESEF/UFPEL 1 – slackvital@gmail.com

²Escola Superior de Educação Física ESEF/UFPEL – elipardo@terra.com.br

³Escola Superior de Educação Física ESEF/UFPEL – cesarvaghetti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Slackline na tradução literal quer dizer: *linha folgada*. No campo esportivo, é uma prática de atividade física que teve início em meados dos anos 80, nos vales de escaladas de Yosemite, norte da Califórnia-EUA, lugar bastante conhecido no mundo todo por ser um dos locais de escalada com mais riscos e opções de vias de acesso de diferentes graus de dificuldades. Em razão da região abrigar uma grande colônia de escaladores, o Slackline surge como hobby em momentos de intemperismo (ou intempérie). Devido à chuva, vento, a pedra molhada não permitirem a prática da escalada com segurança, os escaladores começaram a desafiar seu equilíbrio andando sobre correntes que demarcavam a área de estacionamento da colônia, não demorou muito a evolução das “correntes” para, fixar entre dois pontos e tencionar ao máximo. Então o Slackline surgiu neste momento de “diversão” na busca pelas condições ideais para escalada nascia o **SLACKLINE** podendo também ser chamado de primitivo, primitivo ou clássico, quando falamos em primitivo falamos de primeiro e não de antiquado, onde o desafio inicial é permanecer em concentração e equilíbrio sobre a fita, cruzando-a de uma extremidade a outra.

Esse estudo tem como tema as relações entre a prática esportiva do Slackline e suas potencialidades formadoras nos campos escolar, pessoal e social problematizando a formação profissional na área de Educação Física, assinalando suas dificuldades quando se trata de torna-lo um conteúdo escolar, aliado à, “A inclusão de temas voltados à aventura e as práticas de risco calculado, são uma possibilidade ainda incipiente na EF brasileira porém que a cada dia trazem novas perspectivas” (PEREIRA, 2013 p. 224)

Dadas as condições sócio históricas e culturais que atrelam a Educação Física a forças como o Militarismo, o Higienismo, a Eugenia e a Esportivização, “ O corpo era somente visto como um conjunto de ossos e músculos; o esporte era apenas passatempo...”(DAOLIO, 2010, p.2) torna-se fundamental pensar em práticas corporais esportivas que propõem relações com o corpo, menos disciplinadoras, higienizadoras, segregadoras e excludentes e mais livres, expressivas e inclusivas, onde os indivíduos deixem de ser pensados e tratados como máquinas divididas entre dois extremos comumente contrários tipo bom e mau, vencedor e perdedor, verdade e mentira, sagrado e profano, corpo e mente, ciência e arte, disciplina e liberdade, entre tantos outros dualismos que caracterizam a cultura moderna. “

Ainda, com o avanço das críticas aos processos educativos tradicionais da EF e suas bases disciplinadoras surgem novas propostas, são apontadas novas tecnologias, que utilizam cada vez menos “bolas” em sua metodologia de ensino, ou seja, menos esporte no seu sentido tradicional de rendimento esportivo e atlético, e

mais esporte no seu sentido mais amplo de jogo, divertimento, espaço de trocas, se é que isso é possível. A ideia de utilizar o Slackline como dispositivo na Formação Humana e Profissional, tendo em vista a necessidade da formação continuada dos docentes, ampliando nichos de trabalhos do profissional bacharel faz com que este trabalho se torne no mínimo, interessante, na medida em que o Slackline é uma prática esportiva nada convencional.

De tudo isso deduz-se a importância de pensar as potencialidades dessa prática na área da formação escolar por exemplo, não poderia essa prática ser levada para os pátios das escolas nas aulas de EF? Que dificuldades teríamos que enfrentar? O que seria necessário para que a mesma adentrasse os muros escolares? Os professores possuem formação para tal? Senão, como oportunizar essa preparação dos professores?

Mas como toda AF ou esporte relativamente novo, sua inserção se dá em camadas sociais mais privilegiadas, inviabilizando a participação das classes menos favorecidas pela falta de incentivo, apoios financeiros, divulgação, etc. Assim, muitas crianças e adolescentes ainda são limitados quanto ao conhecimento desta modalidade. Por essa razão "... é preciso buscar novas perspectivas teórico-metodológicas que oportunizem melhor compreender situações e problemas e buscar soluções mais condizentes com o ambiente de vida dessas pessoas..." (PIMENTEL, 2014, P.177) para que Slackline aproxime-se da escola.

Descrever a experiência do autor como professor do curso de Formação de Instrutores de Slackline realizado pela FG Slackline em parceria com a prefeitura do município de Sapiranga/RS para todos os professores de educação física da rede torna-se uma meta acadêmica de pesquisa de grande utilidade se pensada do ponto de vista do retorno que essa atividade pode representar para os professores da rede, interessados em novos conteúdos e metodologias para suas aulas e para os instrutores do curso, interessados na socialização do Slackline como uma prática educativa nas esferas da educação popular, escolar e continuada. Assim, a pesquisa tem como objetivo demonstrar através dos dados coletados durante o curso a viabilidade e potencialidade educativa dessa prática.

2. METODOLOGIA

Estudo descritivo-analítico com base etnográfica qualitativa (recursos etnográficos como a observação e a utilização do Diário de Campo), a pesquisa parte da concepção de pesquisa no mundo real, voltada para os interesses teórico-práticos das instituições, que responda, no caso desse estudo, a questões emergentes no espaço da formação profissional, como um estudo de base, ou seja, uma monografia capaz de voltar-se para a formação profissional através dos dados que coleta, das problemáticas locais que levanta e das possíveis soluções que possam tornar-se práticas efetivas de intervenção no âmbito da formação profissional.

O estudo possui como campo empírico o curso oferecido pela FGS no período de 18 á 20/03/2015 que ocorreu em Sapiranga/RS com uma população de 30 professores de Educação Física da rede. Os professores foram divididos em 3 turmas de 10 alunos cada, em um total de 5 horas diárias. O material utilizado foi um lençol para a brincadeira do "tapete mágico/voador" que consiste em subir no tapete todos juntos (10) e desvira-lo sem sair de cima, fita de poliéster de 15m-25m, catraca alongada-normal, fita tubular de 2,5cm, mosquetões, corda de 22kN para backup e protetor de árvore.

O conteúdo programático abordado envolveu aspectos históricos, vertentes e modalidades enquanto esporte, pontos de ancoragem, instalação, uso do back-up (corda de segurança), manejo com a catraca e a fita, além da instrução para os primeiros passos no trickline (Slackline de manobra) e longline.

Para a coleta dos dados foram utilizados recursos da observação participante e um questionário semiestruturado com 7 questões semiabertas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das observações realizadas é possível destacar algumas características que nos permitem diferenciar as turmas bem como apontar algumas possibilidades e dificuldades na implantação dessa prática. A primeira turma participou em um primeiro momento timidamente, mas no segundo momento prático, houveram perguntas como exemplo, posição dos pés na fita, altura da fita e o manejo com o material de instalação. Os participantes do segundo dia demonstraram maior disposição, interação e capacidade de questionamento, demonstrando uma participação efetiva das aulas o que tornou o primeiro encontro “agradável a todos”. Durante a dinâmica de grupo na brincadeira do “tapete mágico” também houve uma evolução rápida na solução do problema, na parte prática em sala de aula que consistia no manejo da catraca, nº 8 (oito) guiado dentre outros também houve uma perfeita relação entre todos. No último dia, com a terceira turma, houve um acompanhamento semelhante aos participantes do segundo dia, inclusive na montagem e desmontagem do equipamento, onde se pode observar o maior contato dos participantes com o Slackline mais da metade já haviam praticado seja em locais públicos quanto na escola como ferramenta de ensino.

Após análise do questionário podemos ressaltar alguns aspectos relacionados com o primeiro contato dos professores na prática do Slackline. Dos 30 participantes, 23 tiveram contato pela primeira vez no curso de formação de instrutores de Slackline, onde 3 tiveram contato inicial com seus alunos do ensino fundamental do município vizinho (Parobé-RS) e um Professor teve contato através de um estagiário de Educação Física, pois o mesmo pediu para aplicar uma aula de Slackline. Em relação aos benefícios do Slackline destacamos que 23 dos 30 participantes mencionaram as capacidades físicas de equilíbrio, concentração, força, como também, a socialização. 3 ressaltaram o desafio e o contato físico, 1 (um) o gasto calórico e talvez aqui algo bem importante no que tange a formação humana, 1 (um) mencionou a “disposição” para uma nova prática esportiva. No item relacionado as dificuldades de trabalhar o Slackline na escola, 10 mencionaram a falta de local apropriado para prática, como também alguns casos de inclusão, 9 ressaltaram o grande número de alunos nas turmas, 4 mencionaram a falta de conhecimento relacionado a prática, 2 a segurança dos alunos durante as aulas, 1 (um) ao medo das crianças com o que é diferente, 1 (um) frisou em dominar a angustia e a expectativa do grupo frente a novas práticas de ensino e aprendizagem, cabe destacar um outro item no mínimo interessante que foi dos 30 apenas 3 não acreditam em dificuldades na prática há superação, tentativas (sendo que um desses ressalta que tem que se adaptar aos espaços).

4. CONCLUSÕES

O curso de Formação de Instrutores de Slackline, oferecido pela Federação Gaúcha de Slackline vem sendo aperfeiçoadado tanto na parte teórica, quanto na prática para melhor acompanhar a evolução do Slackline como prática de atividade física ou esporte.

Em relação ao questionário aplicado na primeira Formação de Instrutores de Slackline, também está sendo melhorado para um melhor entendimento do entrevistado, sendo reformulado e aumentando entre uma a três perguntas do mesmo. No entanto, o curso já está pré-programado para Porto Alegre e região metropolitana em parceria com o poder público, tendo está também uma possível edição juntamente com uma Universidade privada da região Metropolitana.

Desse modo, é de extrema importância a divulgação e socialização da prática do Slackline para o campo da Educação Física por ser uma temática nova e em franco desenvolvimento pelo Brasil e a nível mundial também, tendo em vista a inovação proposta pela FGSlackline e a evolução rápida e constante do Slackline fica o aguardo para em um futuro próximo o planejamento para o curso de formação de instrutores Nível II, sendo este para praticantes mais avançados e ou atletas da modalidade trickline. Estas são em um primeiro momento as considerações mais importantes acerca do tema.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigo

DAOLIO, Jocimar Daolio. **Educação Física e o Conceito de Cultura.** 3. ed- Campinas SP; Autores Associados, 2010. Coleção Polêmicas do nosso Tempo.

PEREIRA, Dimitri Wuo, **Slackline: Vivências Acadêmicas na Educação Física** Motrivivência Ano XXV, Nº41, P. 223-233 Dez./2013.

PIMENTEL, Adriana Miranda. Saúde e cidade: refletir sobre a saúde pela ótica da cidade. In: TEIXEIRA, Carmem Fontes; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas (Orgs). **Uma Experiência Inovadora no Ensino Superior Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.** Salvador: EDUFBA, 2014. p. 177-188

Documentos eletrônicos

Federação Gaúcha de Slackline. **FGSLACKLINE.** Acessado em 07 de jul. 2015. Online. Disponível em: <http://fgslackline.com.br/diretoria/>